



ESCOLA DE ATIVISMO

APRESENTAÇÃO

O LUGAR DO ATIVISMO NO CAMINHO PARA A SUSTENTABILIDADE

Uma peculiaridade da crise planetária contemporânea é que ela não permite uma transição lenta e gradual. É preciso agir de forma rápida e substantiva para precipitar uma mudança de padrão: da insustentabilidade do atual modelo econômico e do nosso modo de vida à emergência de uma sociedade sustentável e justa.

A construção dessa sociedade requer ação política consequente e efetiva dos agentes que buscam a sustentabilidade. Se, de um lado, é essencial a construção de processos e modelos alternativos de organização social, de tomada de decisão, de produção e troca econômica, por outro persiste a necessidade da atuação política, da pressão, do debate incisivo e assertivo, da denúncia e da mobilização social contra um modelo social-político-econômico predatório, excludente e injusto.

Se você vai a um protesto e depois vai para casa, já fez algo. Mas aqueles que estão no poder podem sobreviver a isso. O que eles não suportam é pressão constante e crescente, organizações que não cessam, pessoas que seguem aprendendo com o que fizeram e fazendo melhor nas próximas vezes.
Noam Chomsky

OWS



INDIGNADOS



MAS DE QUE ATIVISMO ESTAMOS FALANDO?

O termo "ativismo" geralmente é pensado como sinônimo de ações de rua, protestos, manifestações. O imaginário popular, contudo, pode ser impreciso e não representar a complexidade do trabalho do ativista. Mas ele tem sentido: o ativismo exige que a demonstração política se dê no espaço público.

Historicamente, isso não mudou. Era assim no século XIX, quando os agentes políticos saíam às ruas para manifestar seu descontentamento. Aconteceu o mesmo no século XX e tem sido assim agora, em 2013. A luta pela transformação continua.

O ativismo de hoje é fruto da confluência de tradições distintas de mobilização política que assume múltiplas expressões, desde as lutas do movimento operário comunista ou anarquista do final do século XIX até o ciberativismo e o uso sistemático da internet e das tecnologias da comunicação como ambiente e instrumento da mobilização, representado pelas manifestações recentes no Egito, Portugal, Grécia, Chile, Tunísia, os "indignados" da Espanha, o fenômeno "Occupy Wall Street", Turquia e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil.

Nesse quase um século e meio o ativismo teve forte influência dos movimentos de esquerda; das lutas anticoloniais de países da Ásia e da África no século XX (que contribuíram com marcos fundamentais, como a desobediência civil não-violenta praticada pelos indianos, que teve como sua figura paradigmática Gandhi); dos movimentos de contracultura dos anos 50 e 60; da luta pelos direitos civis nos EUA e na África do Sul; do movimento hippie; dos levantes estudantis de 1968 na Europa, na América do Norte e na América Latina; dos movimentos antiguerra, antinuclear e pacifista; do movimento ecológico e am-

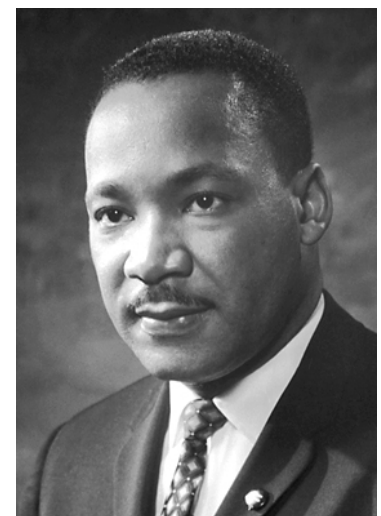
TUNÍSIA



EGITO



MAHATMA GANDHI



MARTIN LUTHER KING JR.



SEATTLE (1999)

bientalista, a partir da década de 70 e na década de 80 (com ações de forte apelo midiático como aquelas promovidas pelo Greenpeace); dos movimentos sociais como o Movimento dos Sem Terra (que surge em 1984 no Brasil e atualiza a dinâmica dos movimentos de massa); o Exército Zapatista de Libertação Nacional no México, a partir de 1994 (que reinventa a forma do “exército” e da organização popular e incorpora o uso inovador da linguagem política, das tecnologias da informação e da comunicação); da globalização definitiva dos movimentos na década de 90 (a Eco-92 proporcionou as primeiras grandes articulações em âmbito global, como a Ação Global dos Povos que reuniu do MST brasileiro ao Reclaim the Streets britânico) que vão culminar nas grandes manifestações do período 1998-2001 em cidades cosmopolitas como Londres, Seattle, Quebec, Praga, Gênova, Cancún, entre outras, contra a globalização neoliberal e a Organização Mundial do Comércio. E nos dois últimos anos, os movimentos Occupy, que mostraram insatisfação e recusa ao sistema capitalista de diferentes maneiras e em várias capitais do mundo. Apesar deste fenômeno não ter mostrado expressão no Brasil, como na Turquia, o estopim foi outro: o aumento da tarifa de onibus na cidade de São Paulo e a maneira eficaz como o Movimento Passe Livre conduziu sua campanha em 2013 criou condições para que milhões de pessoas fossem às ruas por uma causa, como há 20 anos não se via.

Nós somos resultado e parte desse processo.

Porém, o que diferencia – ou o que deve diferenciar – o ativismo deste século daqueles produzidos no passado remoto ou mais recente? Parece que não é somente a rua; parece que não é o desejo de mudança; parece que não é a luta... Tais fatores estavam presentes antes e persistem hoje. O que é então? Onde está a diferença e o que mudou?



MST



EZLN



RECLAIM THE STREETS



A NECESSIDADE DA APRENDIZAGEM EM ATIVISMO

Temos hoje na América Latina uma lacuna enorme na discussão e aprendizagem sobre o ativismo contemporâneo.

Na visão da Escola, o ativismo deve considerar a formulação e execução de estratégias de ação política com vistas à mudança social, por meio de um conjunto de técnicas de análise de contexto, de campanha, comunicação, mobilização e intervenção direta não-violenta. Trata-se de uma prática política cuja base é a ação no âmbito da sociedade civil, mas que se caracteriza pelo exercício consciente de técnicas específicas orientado por um viés estratégico.

No Brasil, um vasto número de coletivos urbanos, lideranças comunitárias, grupos de base, movimentos sociais e ONGs integram um campo sociopolítico emergente que tem a sustentabilidade, a democracia e os direitos humanos como causa comum. O número de grupos independentes e coletivos efêmeros organizados em torno de uma causa também aumenta cada vez mais. Todo esse conjunto de atores tem um importante papel político tanto para obter avanços no plano local quanto para resistir às tentativas de retrocesso no âmbito dos direitos sociais e ambientais que afetam toda a sociedade brasileira.

Esses agentes precisam, entretanto, aumentar a sinergia, o impacto, a qualidade e a eficiência das suas intervenções. Esta é uma demanda urgente para promover as mudanças necessárias.

NÃO-VIOLÊNCIA

A história registra milhares de ações ativistas baseadas nos princípios da não-violência que, em seu sentido maior, são os pilares centrais de direcionamento e coordenação das ações da Escola. A não-violência no ativismo fortalece o modelo e projeto de uma sociedade mais justa, igualitária e pacífica.

O conflito é inevitável, a opção pela violência é uma escolha
Gandhi

O PROPÓSITO A RAZÃO DE EXISTIR DA ESCOLA DE ATIVISMO

A Escola de Ativismo surge com a missão de promover e multiplicar processos de aprendizagem e produção de conhecimento em ativismo para aumentar a capacidade de incidência das organizações, movimentos e coletivos e fortalecer os agentes políticos que atuam na promoção e defesa da sustentabilidade, dos direitos humanos e da democracia.

PRINCÍPIOS

Não-Violência • Apartidarismo • Independência financeira, política, pedagógica e operacional de empresas, sindicatos, governos, partidos políticos, bancos e igrejas • Aprendizagem orientada pela prática, indissociada de uma base teórica consistente. • Horizontalidade • Colaboração • Igualdade • Liberdade • Compartilhamento • Transparência

QUEM SOMOS

A Escola de Ativismo é um coletivo autônomo e apartidário, que existe desde 2011, atuando em diferentes regiões do país. Nos organizamos de maneira horizontal e não hierárquica e valorizamos a diversidade de opiniões, posições e credos. Estamos espalhados por São Paulo, Minas Gerais, Distrito Federal e Rio Grande do Sul.

[ativismo.org.br/
quem-somos](http://ativismo.org.br/quem-somos)



O IMPULSO

A ideia de criar uma iniciativa como a Escola surgiu no final de 2010. O primeiro passo foi realizar uma série de reuniões e entrevistas com ativistas, educadores, políticos, lideranças de movimentos sociais e ambientalistas, além de algumas pesquisas e estudos prévios sobre a proposta. Parte dos entrevistados viriam a compor o que chamamos de “nuvem consultiva”, um grupo de profissionais que acompanham a evolução da Escola, propondo ideias, aconselhando e debatendo os avanços e desafios com os ativistas da Escola.

Em meados de 2011, a equipe técnica concebeu a estratégia inicial de implementação do projeto da Escola: a organização de um primeiro processo de aprendizagem sobre teoria e prática do ativismo com foco em sustentabilidade. O primeiro curso “Ativismo e Mobilização para a Sustentabilidade” foi planejado e desenvolvido ainda em 2011, em São Paulo.

No final de 2011, a Escola estabeleceu seus eixos estratégicos de atuação e prioridades. A partir de então todas as atividades desenvolvidas estão orientadas a partir destes eixos.

COMO ATUAMOS

EIXOS TEMÁTICOS DA ESCOLA DE ATIVISMO

O planejamento estratégico da Escola elegeu 2015 como o momento para avançar na sua consolidação, dando início ao desenvolvimento de outros processos de aprendizagem, iniciativas de produção de conhecimento e disseminação de práticas de ativismo e ação política efetivas.

Nesse sentido, a Escola de Ativismo é concebida como o desenvolvimento de um fluxo crescente constituído de seis eixos interdependentes. Cada um desses eixos pode ser trabalhado como um projeto autônomo, com gestão e operação próprias, devidamente conectado aos demais e a outras iniciativas do gênero que estão ocorrendo na sociedade.



**JORNADA DE APRENDIZAGEM:
ATIVISMO CONTEMPORÂNEO**

O processo-base, à época conhecido por Jornada Ativismo e Mobilização para a Sustentabilidade seguiu uma estratégia de atuar em âmbito nacional e contou com o apoio e suporte de várias ONGs socioambientais. Ele foi realizado em fase piloto entre junho de 2011 e março de 2012 em três cidades: São Paulo, Brasília e Manaus.

A quarta edição se deu em parceria com a Oxfam no Brasil e teve sua temática adaptada à campanha "Cresça", abordando a sustentabilidade com o viés de produção e consumo de alimentos. Realizada entre julho e setembro de 2012, foi destinada a 13 organizações parceiras e aliadas da Oxfam. Em dezembro de 2012 realizamos uma versão reduzida dessa Jornada com foco em campanhas e não-violência. Com o apoio da Avina e do Movimento Nossa São Luis na capital maranhense, o processo teve a duração de 10 dias na fase online e três dias na fase de imersão. Participaram jovens ativistas até 29 anos envolvidos com questões socioambientais e de direitos humanos da região metropolitana da cidade.

Em 2013 realizamos a quinta edição em Recife que reuniu ativistas principalmente da região Nordeste ao longo de uma aprendizagem online de cinco semanas. Ao final desse período, foi realizada uma imersão de seis dias.



1

Plano de desenvolvimento da Escola

Os processos deste eixo são essenciais para dar base e sustentação para os demais eixos de atuação. O plano prevê a consolidação de uma equipe executiva mínima dedicada a facilitar a execução do planejamento e a condução operacional de diferentes processos. Basicamente está dividido entre as atividades de gestão de projetos, comunicação para disseminação de conteúdo, animação da rede de ativistas e relacionamento, administração financeira e contábil da Escola.

2

Jornada de aprendizagem em Ativismo Contemporâneo

Este processo aborda um conteúdo mínimo para o ativismo baseado em campanhas e é dedicado a ativistas já em atuação. Ele exerce a função de ser uma das portas de entrada e o elemento catalisador dos processos de aprendizagem em estratégias e técnicas de ativismo. Seu desenho combina duas fases de estudos online intercaladas com uma fase presencial. Pode ter de um a dois meses de duração com seis a oito dias em regime de imersão.

O processo passou por um aprimoramento de sua proposta pedagógica original dando origem à Jornada em Ativismo Contemporâneo. Realizamos essa Jornada em 2013, em Recife (PE). Essa etapa teve uma contraparte em São Paulo, no formato de um encontro menor à qual chamamos “2014: Ferramentas para o Ativismo”. Foram oferecidas oficinas sobre segurança da informação, comunicação e ações criativas e não-violência ao longo de um final de semana.

3

Processos de aprendizagem específicos

Trata-se de aprimorar e aprofundar a experiência da linha II. Os módulos que compõem a jornada são transformados em processos autônomos com dois objetivos: (i) realizar uma abordagem introdutória sobre um tema ou prática específica funcionando como porta de entrada no processo de aprendizagem sobre o ativismo contemporâneo e/ou (ii) permitir a elaboração e vivência mais aprofundadas dos temas e das práticas. Estamos desenvolvendo os seguintes processos de aprendizagem:



MANAUS (2012)

Teoria e prática da ação não-violenta; planejamento e execução de campanhas; comunicação ativista; ciberativismo; ação de rua: logística, planejamento e operação; aspectos jurídicos do ativismo; segurança da informação, artevismo e mobilização.

A esse conjunto de abordagens devem se somar outros processos sobre questões técnicas/instrumentais da prática do ativismo e sobre temas ligados ao novo campo político emergente que poderão ter abordagens ou ênfases diferenciadas: teórico-conceituais, instrumentais ou de análise conjuntural, em nível introdutório ou avançado.



SEMEANDO ATIVISMO

Em 2013, promovemos um processo de aprendizagem em comunicação com 21 organizações da área de agricultura familiar e direito a terra, sendo 18 delas parceiras ou aliadas da Oxfam na Campanha Cresça. Os conteúdos abordados foram construídos após conversas com cada grupo participante, procurando suprir suas principais necessidades e demandas na área de comunicação. Foram realizados dois encontros presenciais no formato de imersão, intercalados por um período de acompanhamento online. O processo resultou em um caderno de comunicação para o ativismo para que vem sendo usado por diferentes grupos para além dos participantes do projeto Semeando.



OFICINA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

Em 2012 realizamos a primeira oficina sobre mídias digitais e estratégias de comunicação online para campanhas. A Oficina foi destinada a coletivos e organizações ativistas que atuam na área de democracia, direitos humanos e sustentabilidade. Esse grupo de participantes construiu colaborativamente um documento conceitual sobre o tema.

OFICINAS DE SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO

Em conjunto com a Artigo 19, o CTS-FGV e o Antivigilância, a Escola realizou uma série de oficinas de segurança da informação para grupos de direitos humanos em São Paulo e Rio de Janeiro. O processo de aprendizagem foi composto por duas oficinas em ambas as cidades, intercaladas por um período de acompanhamento online. A iniciativa foi uma oportunidade para estimular uma cultura de segurança da informação entre os grupos, introduzir as principais ferramentas e esclarecer as dúvidas dos ativistas em relação ao seu uso. Oficinas semelhantes foram realizadas em 2013 em Belém, Brasília e São Paulo para grupos que atuam em causas socioambientais e indígenas na Amazônia.



OFICINA DE AÇÃO CRIATIVA THE YES LAB

Em maio de 2014, a Escola promoveu uma oficina aberta sobre ações criativas baseada no livro "Bela Baderna", em parceria com a Matilha Cultural e o Yes Lab, braço de aprendizagem do grupo ativista The Yes Men. Sean Devlin, do Yes Lab, expôs as principais táticas e ferramentas por trás de algumas ações realizadas pelo coletivo e convidou os mais de 60 participantes a elaborar ideias de ações criativas. O resultado foi um brainstorm colaborativo que gerou mais de 100 ideias diferentes, seguido de um debate sobre a visão estratégica por trás das ações.

LABRIO+20

LABORATÓRIO DE AÇÃO POLÍTICA E MOBILIZAÇÃO PARA A RIO+20

No início de 2012 desenvolvemos e executamos o Laboratório, uma iniciativa de quatro meses que combinou aprendizagem e assessoria técnica em ativismo a 12 organizações e coletivos em suas propostas de intervenção vinculadas à conferência internacional.

Nosso papel foi oferecer análises de cenário, estratégias e técnicas para aumentar a incidência política e midiática dos projetos apresentados, não interferindo, assim, na autonomia e nos processos de decisão das organizações.

Apoiamos intervenções, expondo os retrocessos socioambientais do atual governo brasileiro, como a “Marcha ré” ou os vinte anos de espera dos índios Xavantes por sua terra Marãiwatsédé, no Mato Grosso. Também assessoramos o projeto Pimp my Carroça, que realizou intervenções artísticas em carroças de catadores de materiais recicláveis em São Paulo e no Rio de Janeiro para chamar a atenção do papel dos catadores nas cidades, defender mais qualidade de vida para esses agentes e cobrar os compromissos com reciclagem dos poderes públicos municipais. Ajudamos nas manifestações em Belo Horizonte e região em favor da criação do Parque Nacional Serra da Gandarela (região preterida para mineração), apoiamos atividade realizada por crianças de Niterói contra a poluição da Baía de Guanabara e ajudamos a melhorar a incidência das ações em favor da eficiência veicular no consumo e emissão de poluentes.



4

Produção de eventos públicos, de articulação e disseminação do ativismo para a sustentabilidade, a democracia e os direitos humanos

Se os processos de aprendizagem têm o poder de atingir um número limitado de pessoas, eventos de outra natureza – como palestras, oficinas, conferências ou ciclos de debates – podem chamar a atenção e ampliar a difusão das propostas da Escola. O objetivo é tornar-se mais que um espaço de aprendizagem, mas também um espaço de articulação e divulgação das práticas do ativismo contemporâneo.



PRIMAVERAS

A partir de outubro de 2012, iniciamos uma série de encontros mensais com o objetivo de debater os desafios do ativismo contemporâneo, democracia e sustentabilidade. O “Primaveras” foi realizado em parceria com a Matilha Cultural, Instituto Democracia e Sustentabilidade (IDS), as revistas Página 22 e Outras Palavras.

CRYPTORAVE

Em 2014, fomos parceiros dos coletivos Actantes e Saravá na produção e realização da Cryptorave, uma virada de palestras, oficinas e workshops na área de segurança da informação. Cerca de dois mil participantes visitaram o evento ao longo de suas 24 horas de duração no Centro Cultural São Paulo. O evento aconteceu em parceria com os coletivos Saravá e Actantes.



5

Produção de conhecimento e desenvolvimento de produtos editoriais

A produção de conhecimento e a produção editorial sobre ativismo é quase inexistente no Brasil. É urgente, portanto, a necessidade de produção de conteúdo em língua portuguesa sobre teoria do ativismo, ativismo contemporâneo, campanhas, comunicação, mobilização e técnicas de ação.

Essa produção atende não só à demanda da Escola, como também ocupa um espaço até então quase vago na cena editorial no país, desempenhando, desse modo, função importante também para o campo socioambiental brasileiro.

Por isso, a Escola tem se dedicado tanto a produzir conteúdo a partir de seus processos de aprendizagem e trabalhos de pesquisa como a identificar obras-chave em língua estrangeira para serem traduzidas e publicadas no Brasil. O formato de cadernos didáticos para uso nos processos de aprendizagem, por exemplo, começou a ser desenvolvido em 2012 e foi aprimorado em 2013 e 2014. A Escola produziu cadernos temáticos para uso específico nos processos sobre campanhas, comunicação digital e sustentabilidade. Já a tradução de obras estrangeiras teve início em 2013 e permanece sendo um importante eixo de ação do coletivo.



TRADUÇÃO DO LIVRO “BEAUTIFUL TROUBLE”

Em 2013, a Escola adquiriu os direitos para a tradução, edição e divulgação da versão pocket do livro “Beautiful Trouble - A Toolbox for Revolution” (“Bela Baderna - Ferramentas para a Revolução”, em português), que traz um apanhado de princípios, teorias, táticas e estudos de caso sobre ativismo criativo. A versão brasileira, lançada em dezembro de 2013, incluiu três estudos de caso inéditos: “Jornadas de Junho”, “Pimp My Carroça” e “Mãraiwatsédé: a terra é dos Xavante”. A obra tem tido imenso sucesso no meio ativista e representa uma adição significativa para a literatura em língua portuguesa sobre ações criativas não-violentas.



TRADUÇÃO DO GUIA “SECURITY IN-A-BOX”

Em 2014, em parceria com integrantes do coletivo Saravá, a Escola iniciou a tradução do guia “Security in-a-box” (<https://securityinbox.org/pt>). Criado em 2009 pela Tactical Tech e Front Line Defenders, a obra traz informações sobre segurança digital e privacidade nas redes para defensores de direitos humanos. Ela compreende 3 seções com guias práticos para o uso de ferramentas e softwares em computadores e smartphones.

PESQUISA ATIVISMO NO CONTEXTO URBANO

A mudança no perfil social e geográfico da população brasileira desde meados do século XX influenciou no padrão de emissões de poluentes no país. Hoje, cerca de 84% da população brasileira reside nas cidades. Ao mesmo tempo, houve crescimento considerável nas fontes de emissões urbanas, como aquelas advindas de transporte, resíduos e processos industriais, ao passo que as emissões pela mudança no uso do solo tiveram uma redução de 62% entre 2005 e 2011. Esses dados sugerem que o enfrentamento das mudanças climáticas exigirá núcleos de ação e decisão cada vez mais ágeis e conectados com a realidade tangível das estruturas econômicas, sociais e espaciais. Assim, os esforços realizados a nível local e regional se tornaram tão importantes para as mudanças climáticas quanto as decisões e diretrizes estabelecidas no quadro maior dos foros internacionais. Nesse novo panorama, portanto, o ativismo para a sustentabilidade, com base na atuação estratégica e localizada da sociedade civil, adquiriu um papel central.

O projeto “Ativismo no Contexto Urbano” busca aumentar a qualidade e a capacidade de intervenção destes atores locais. Ele teve início com a realização de um mapeamento de atores da sociedade civil que atuam nos temas de mobilidade e transporte, resíduos sólidos e infraestrutura em 12 cidades do Brasil. Em seguida, uma equipe de pesquisadores coletou dados sobre a atuação de 270 destes grupos. O estudo foi consolidado em um “Diagnóstico para ação nas cidades”, que traz também informações sobre o contexto jurídico e político dos três temas abordados nas cidades em que foi feita a pesquisa. Os grupos participantes receberão convites para participar de diversas propostas de aprendizagem com viés ativista e passarão a compor, junto com a Escola de Ativismo e outros parceiros, uma rede de grupos da sociedade civil que se beneficia das trocas baseadas na aprendizagem em ativismo.

6

Fomento de rede de multiplicadores da Escola de Ativismo

À medida que a Escola promove cursos, jornadas, debates e outros processos, o número de pessoas interessadas aumenta. Naturalmente, uma rede de ativistas em torno da troca de conhecimento e experiências está se formando. Animar e estimular essa rede se torna cada vez mais importante para o processo de possibilitar potenciais agentes multiplicadores dos processos de aprendizagem propostos pela Escola.

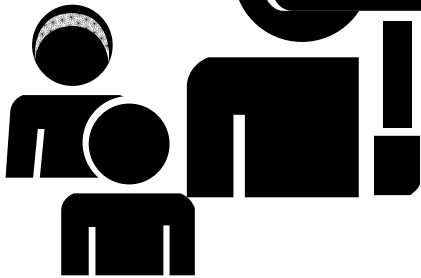
Assim, a Escola mantém uma postura de incentivo e abertura à colaboração, envolvimento e pulverização do conhecimento. Para isso, tem sido essencial a prática da abertura dos códigos dos processos e métodos de aprendizagem, possibilitando que sejam replicados e adaptados à realidade de cada local. Colaboradores permanentes e eventuais, voluntários e ativistas que passaram pelos processos da Escola serão convocados e estimulados a participar desses processos.

IMPACTO

Três anos após seu início, a Escola de Ativismo apresenta uma série de fatos e dados indicadores dos efeitos que estamos produzindo.



Mais de **7.000 horas** de trabalho voluntário investidas desde o início da Escola



Foram investidos recursos da ordem de **R\$ 157 mil em 2011, R\$ 393 mil em 2012, R\$ 522 mil em 2013** envolvendo **14 instituições doadoras** e mais de

200 pessoas físicas

ativismo.org.br/quem-somos/contasabertas

100% dos participantes obtiveram bolsa. **93% foram beneficiados integralmente**



59% mulheres

58% são jovens < 30 anos

26 pessoas atuaram no desenvolvimento e execução dos processos, a maior parte de forma não remunerada

341 ativistas* de 20 estados do país

participaram de algum processo de aprendizagem com duração mínima de dois dias



Realizamos atividades em sete estados:

São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Pernambuco, Amazonas, Pará e Maranhão

22 palestrantes e debatedores voluntários



1/3 das pessoas que já passaram por um processo da Escola provêm de coletivos autônomos ou redes



Um grupo de **Facebook** foi criado espontaneamente pelos participantes e tem interações diárias

Três plataformas online foram criadas: um site institucional, **uma plataforma de aprendizagem colaborativa** e um página no Facebook.

253 grupos de 11 estados do Brasil participaram da pesquisa **Ativismo no Contexto Urbano**. Destes, 87 se autodenominam "movimentos" ou "coletivos"

QUEM APOIOU A ESCOLA

Em 2011, as seguintes organizações aportaram recursos de baixo valor na forma de concessão de bolsas aos participantes, apoio com despesas diretas ou com pessoal: Cineclube Socioambiental Crisantempo, Conservação Internacional, Fundação Amazônia Sustentável, Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto Centro de Vida, Instituto Democracia e Sustentabilidade, Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Amazonas, Instituto Internacional de Educação do Brasil, Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola, Instituto Marina Silva, OCA – Laboratório de Educação Ambiental – ESALQ/USP, Oxfam Internacional e WWF Brasil. No caso específico do curso realizado em Brasília, utilizamos um sistema de financiamento coletivo:

<http://catarse.me/pt/projects/364-curso-de-ativismo-para-sustentabilidade>

Entre 2012 e 2014 recebemos apoio de pessoas físicas, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, da Fundação Avina, da Fundação Amazônia Sustentável, do Fundo Socioambiental CASA, Cineclube Socioambiental Crisantempo, Oak Foundation, Latin America Regional Climate Initiative, Artigo19, FrontLine Defenders e Oxfam Internacional.

Na avaliação das organizações apoiadoras e parceiras, a iniciativa preenche uma lacuna existente e tem colaborado de maneira inovadora e fundamental no fortalecimento da atuação política de ativistas. O envolvimento mais qualificado pós aprendizagem de muitos participantes em diferentes processos e projetos também reforça essa visão.



ativismo.org.br

CONTATO

suporte@ativismo.org.br

fb.com/ativismo

twitter.com/eativismo

CRÉDITOS DAS FOTOS

Todas as imagens utilizadas estão sob licença **Creative Commons** e seus autores são:

Pág 3
OWS: **Greenn Halo**
Indignados: **Fotomovimiento.org**
Gandhi: **Daquella Manera**
Tunísia: **marcovdz**
Egito: **Jonathan Rashad**
Martin Luther King Jr: **Nobel Prize**

Pág 4
Greenpeace: **GP Esperanza**
Seattle: **David E. Ortma**
MST: **Overmundo**
EZLN: **Orianomada**
Reclaim the Streets: **Erik Anderson**

Pág 7
Rodrigo Baleia

Pág 8
Escola de Ativismo
Rodrigo Baleia
Vitor Massao

Pág 9
Escola de Ativismo

Pág 10
Claudia Dantas
Escola de Ativismo
Felipe Muci
Fora do Eixo
Lunaé Parracho
Vitor Massao

Pág 11
Escola de Ativismo